

"FANTÁSTICO!"
Publishers Weekly

V. E. SCHWAB

um
encontro
de
sombras



Outros livros da autora:

Um encontro de sombras

A guardiã de histórias

V.E. SCHWAB

um
encontro
de
sombras

Tradução
Ana Carolina Delmas



EDITORA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2017

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

S331e

Schwab, V. E., 1987-

Um encontro de sombras [recurso eletrônico] / V. E. Schwab ; tradução Ana Carolina Delmas. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Record, 2017.

recurso digital

Tradução de: A gathering of shadows

Sequência de: Um tom mais escuro de magia

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-85-01-11217-0 (recurso eletrônico)

1. Romance americano. 2. Livros eletrônicos. I. Delmas, Ana Carolina. II. Título.

17-44165

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

TÍTULO ORIGINAL:

A GATHERING OF SHADOWS

Copyright © 2016 by Victoria Schwab

Publicado mediante acordo com a autora, representada por BAROR INTERNATIONAL, INC., Armonk, New York, U.S.A.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios. Os direitos morais da autora foram assegurados.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Composição de miolo: Abreu's System

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos pela EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: (21) 2585-2000, que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil

ISBN978-85-01-11217-0

Seja um leitor preferencial Record.
Cadastre-se no site www.record.com.br e
receba informações sobre nossos
lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:
mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002.



Para aqueles que abrem seus caminhos lutando.

*A magia e o mago devem ter equilíbrio entre si.
A magia é o caos. O mago deve ser calmo.
Uma personalidade fraturada é um receptáculo frágil para o
poder,
derramando-o sem foco ou razão por cada rachadura.*

— TIEREN SERENSE,
Sumo sacerdote do Santuário de Londres

Sumário

Um - Ladra ao mar

I

II

III

IV

V

Dois - Um príncipe à solta

I

II

III

IV

V

Três - A virada da maré

I

II

III

IV

V

VI

Quatro - O chamado das Londres

I

II

III

IV

V

Cinco - Acolhida real

I

II

III

IV

V

VI

VII

Seis - Impostores

I

II

III

IV

V

Sete - Interseções

I

II

III

IV

V

Oito - O Essen Tasch

I

II

III

IV

V

VI

VII

Nove - Rota de colisão

I

II

III

IV

V

VI

Dez - Catástrofe

I

II

III
IV
V
VI
VII
VIII
IX

UM

LADRA
AO MAR

I

Mar Arnesiano

Delilah Bard tinha um dom para encontrar problemas.

Ela sempre achou que era melhor do que deixar que os problemas *a* encontrassem, mas estar flutuando no oceano em um esquife sem remos, sem avistar terra firme e sem recursos a não ser pelas cordas atando seus pulsos, quase a estava fazendo mudar de ideia.

O céu noturno não tinha luar, e o mar e o céu espelhavam a mesma escuridão estrelada por todos os lados; apenas o ondular da água sob o barco balançando demarcava a diferença entre o que havia em cima e o que estava embaixo. Aquele reflexo infinito normalmente fazia com que Lila se sentisse empoleirada no centro do universo.

Hoje à noite, à deriva, aquilo lhe dava vontade de gritar.

Em vez disso, ela apertou os olhos para enxergar as luzinhas ao longe; somente a tonalidade vermelha distinguia as lanternas do navio do restante das estrelas. Ela observou o navio — o seu navio — mover-se devagar, mas decididamente para longe.

O pânico subiu rastejando por sua garganta, mas ela se manteve firme.

Eu sou Delilah Bard, pensou, conforme as cordas cortavam sua pele. *Sou uma ladra, uma pirata e uma viajante. Pisei em três mundos diferentes e sobrevivi. Derramei sangue da realeza e tive a magia em minhas mãos. Um navio cheio de homens não pode fazer o que eu posso. Não preciso de nenhum de vocês.*

Eu sou única, caramba.

Sentindo-se devidamente poderosa, recostou-se no barco e contemplou a

imensa noite à frente.

Poderia ser pior, pensou, segundos antes de sentir a água gelada lambendo suas botas, olhar para baixo e ver que havia um buraco no barco. Não era assim tão grande, mas o tamanho não era de se menosprezar; um buraco pequeno poderia afundar uma embarcação com a mesma eficácia e talvez até mais rápido.

Lila resmungou e baixou os olhos para a grossa corda amarrada com força em volta de suas mãos, duplamente grata pelos desgraçados terem deixado suas pernas livres, mesmo que ela estivesse presa naquele *vestido* abominável. Uma geringonça verde e imbecil de saia rodada com tule demais e uma cintura tão apertada que ela mal conseguia respirar. *Por que em nome de Deus* as mulheres precisam *fazer* isso com elas mesmas?

A água subiu mais um centímetro no esquite, e Lila se forçou a focar na situação. Ela respirou o pouco de ar que sua roupa permitia e fez um inventário de seu escasso — e cada vez mais encharcado — estoque: um único barril de cerveja (um presente de despedida); três facas (todas escondidas); meia dúzia de sinalizadores (legados dos homens que a deixaram à deriva); o já mencionado vestido (que queimasse no inferno) e os conteúdos da saia e dos bolsos dele (necessários, se ela quisesse triunfar).

Lila pegou um dos sinalizadores — um dispositivo como fogos de artifício que, quando golpeado contra qualquer superfície, produzia um raio de luz colorida. Não uma explosão, mas um feixe constante, forte o suficiente para cortar a escuridão como uma faca. Cada sinalizador deveria durar quinze minutos, e cada cor tinha seu próprio código em alto-mar: amarelo para um navio afundando, verde para uma doença a bordo, branco para um problema desconhecido e vermelho para piratas.

Lila tinha um de cada tipo, e seus dedos dançaram sobre suas extremidades enquanto ela considerava as opções. Ela olhou para a água que subia e parou no sinalizador amarelo, pegando-o com as mãos e batendo-o na lateral do pequeno barco.

A luz explodiu súbita e ofuscante. Dividiu o mundo em dois, o violento branco-dourado do sinalizador e o denso negro vazio ao redor. Lila passou meio minuto xingando e piscando para se livrar das lágrimas provocadas pela luminosidade enquanto elevava o sinalizador para longe do rosto. E então começou a contar. Quando seus olhos estavam finalmente se acostumando, o sinalizador falhou, piscou e apagou. Ela examinou o horizonte à procura de

um navio, mas nada viu, e a água no barco continuou a lenta, porém firme, ascensão até a panturrilha de sua bota. Ela pegou um segundo sinalizador — branco para problemas — e bateu na madeira, protegendo os olhos. Contou os minutos conforme passavam, verificando a noite além do barco, procurando sinais de vida.

— Vamos lá — sussurrou. — Vamos lá, vamos lá, vamos lá... — As palavras se perderam no silvo do sinalizador enquanto esse se apagava, deixando-a novamente na escuridão.

Lila rangeu os dentes.

A julgar pelo nível de água em seu pequeno barco, tinha apenas uns quinze minutos — o tempo de um sinalizador — antes de realmente correr o risco de afundar.

Então algo serpenteou ao longo do esquite de madeira. Algo com dentes.

Se existe um Deus , pensou, um corpo celestial, um poder divino ou alguém acima — ou abaixo — que possa querer me ver viver outro dia, por pena ou por diversão, agora seria uma boa hora de intervir.

E, assim, puxou o sinalizador vermelho — aquele para piratas — e o golpeou, banhando a noite à sua volta em uma estranha luz carmesim. Isso a fez lembrar por um instante do rio Atol, lá em Londres. Não na *sua* Londres — se aquele lugar lúgubre algum dia fora dela — ou da aterrorizantemente pálida Londres responsável por Athos, Astrid e Holland, mas a Londres *dele* . A Londres de Kell.

Ele apareceu em sua visão como um sinalizador, o cabelo castanho avermelhado e o cenho constantemente franzido fazendo uma ruga entre os olhos: um azul, outro preto. *Antari* . Garoto mágico. Príncipe.

Lila olhou diretamente para a luz vermelha do sinalizador até tirar a imagem de sua cabeça. Ela tinha preocupações mais urgentes no momento. A água continuava subindo. O sinalizador estava apagando. Sombras resvalavam no barco.

Assim que a luz vermelha do sinalizador de piratas começou a falhar, ela viu.

Começou como um nada — um fiapo de névoa na superfície do mar —, mas logo a neblina se transformou no fantasma de um navio. O casco negro polido e as velas negras reluzentes refletiam a noite por todos os lados, e as lanternas a bordo eram pequenas e incolores o suficiente para se passarem por estrelas. Somente quando se aproximou o bastante para que a luz

vermelha e quase extinta do sinalizador dançasse pelas superfícies refletoras foi que o navio entrou em foco. E nesse momento já estava quase em cima dela.

Sob o brilho crepitante do sinalizador, Lila pôde distinguir o nome do navio, marcado com uma pintura cintilante ao longo do casco. *Is Ranes Gast . Copper Thief.*

Os olhos de Lila se arregalaram de perplexidade e alívio. Ela abriu um sorriso pequeno, secreto, e então enterrou a expressão sob algo mais apropriado — uma expressão em algum lugar entre a gratidão e a súplica, com um traço de esperança cautelosa.

O sinalizador oscilou e apagou, mas o navio estava ao seu lado agora, perto o suficiente para que ela visse os rostos dos homens inclinados sobre a amurada.

— *Tosa !* — gritou ela em arnesiano, colocando-se de pé com cuidado para não balançar o pequeno barco condenado.

Socorro . A vulnerabilidade nunca tinha sido algo natural para Lila, mas ela fez o possível para representá-la enquanto os homens a olhavam, amontoados ali diante de seu pequeno barco inundado, com os pulsos atados e o vestido verde encharcado. Ela se sentiu ridícula.

— *Kers la?* — perguntou um deles, mais para os outros do que para ela. *O que é isso?*

— Um presente? — falou outro.

— Vocês vão ter que dividir — resmungou um terceiro.

Alguns dos outros homens disseram coisas menos agradáveis, e Lila se retesou, grata por seus sotaques estarem muito abafados pelo barulho das ondas do mar para que ela entendesse todas as palavras, mesmo captando seu significado.

— O que você está fazendo aí embaixo? — perguntou um deles, sua pele tão escura que seus contornos se confundiam com a noite.

Seu arnesiano ainda estava longe de ser ótimo, mas quatro meses no mar, cercada por pessoas que não falavam inglês, certamente o haviam melhorado.

— *Sensan* — respondeu Lila, *afundando* , o que mereceu uma risada da tripulação. Eles, contudo, pareciam não ter pressa em tirá-la dali. Lila ergueu as mãos para que pudessem ver a corda. — Uma ajuda seria útil — disse lentamente, as palavras ensaiadas.

— Estou vendo — disse o homem.

— Quem joga fora uma coisinha bonitinha dessas? — interrompeu outro.

— Talvez ela esteja muito usada.

— Nah.

— Ei, garota! Você está inteirinha?

— Melhor deixar a gente ver!

— Que gritaria é essa? — ressoou uma voz, e, um instante depois, um homem extremamente magro, com olhos fundos e cabelos pretos puxados para trás apareceu na lateral do navio. Os outros se afastaram em deferência quando ele pegou a amurada de madeira e olhou para Lila. Seus olhos a percorreram por inteiro, o vestido, a corda, o barril, o barco.

O capitão, apostou ela.

— Você parece estar em apuros — disse ele. Não levantou a voz, mas ela ainda assim chegou até Lila; o sotaque arnesiano era acentuado, porém claro.

— Que perspicaz — respondeu Lila antes que pudesse se conter. A insolência era um risco, mas não importava onde ela estivesse, se havia uma coisa que sabia era como ler um alvo. Como era de se esperar, o homem magro sorriu. — Meu navio foi roubado — continuou ela. — E o novo não vai durar muito, e, como você pode ver...

Ele a interrompeu.

— Não seria mais fácil conversar se a senhorita subisse aqui?

Lila concordou com uma pontada de alívio. Ela estava começando a temer que eles navegassem para longe e a deixassem para se afogar. O que, a julgar pelos tons lascivos da tripulação e olhares ainda mais libidinosos, poderia realmente ser a melhor opção. Ali embaixo, porém, ela nada tinha, e lá em cima havia uma chance.

Uma corda foi jogada pela lateral; o nó caiu na água ascendente, perto dos seus pés. Ela segurou e usou-a para guiar o barco para perto da lateral do navio, onde havia sido baixada uma escada; antes que pudesse se levantar, no entanto, dois homens desceram e pularam no barco ao lado dela, fazendo com que ele afundasse *consideravelmente* mais rápido. Nenhum dos dois parecia incomodado. Um deles se ocupou em levantar o barril de cerveja e o outro, para grande consternação de Lila, começou a *carregá-la*. Atirou-a sobre o ombro, e foi preciso cada miligrama do seu autocontrole — que nunca tinha sido abundante — para ela não enterrar uma faca nas costas dele, especialmente quando as mãos dele começaram a subir pela saia.

Lila cravou as unhas nas palmas das próprias mãos e, no momento em que

o homem finalmente a colocou no convés do navio ao lado do barril à espera para ser aberto (“Ela é mais pesada do que parece”, murmurou ele, “e menos macia do que deveria...”), marcara oito pequenas meias-luas em sua pele.

— Filho da mãe — rosnou Lila em inglês, baixinho. Ele deu uma piscadela e murmurou algo sobre ela ser macia onde importava, e Lila jurou matá-lo. Lentamente.

Então ela se endireitou e viu-se parada diante de um círculo de marinheiros.

Não, não marinheiros, claro.

Piratas.

Encardidos, manchados pelo mar e descorados pelo sol, suas peles escurecidas e suas roupas desbotadas, cada um com uma faca tatuada na garganta. A marca dos piratas do *Copper Thief*. Ela contou sete ao seu redor, cinco trabalhando nos equipamentos e nas velas, e presumiu que devia haver outra meia dúzia sob o convés. Dezoito. Arredondando para vinte.

O homem magro rompeu o círculo e deu um passo à frente.

— *Solase* — disse ele, abrindo os braços. — O que meus homens têm em ousadia lhes falta em boas maneiras. — Ele levou as mãos aos ombros do vestido verde. Havia sangue sob as unhas. — Você está tremendo.

— Eu tive uma noite difícil — respondeu Lila, torcendo, enquanto examinava o violento grupo, para que não estivesse prestes a piorar.

O homem magro sorriu, sua boca surpreendentemente cheia de dentes.

— *Anesh* — falou ele —, mas agora você está em boas mãos.

Lila conhecia o suficiente sobre a tripulação do *Copper Thief* para saber que era mentira, mas fingiu ignorância.

— De quem seriam essas mãos? — perguntou ela quando a figura esquelética pegou seus dedos e pressionou os lábios rachados nos nós deles, ignorando a corda ainda atada firmemente nos pulsos dela.

— Baliz Kasnov — disse ele. — Ilustre capitão do *Copper Thief*.

Perfeito. Kasnov era uma lenda no mar Arnesiano. Sua tripulação era pequena, porém ágil, e tinha uma propensão a embarcar navios e cortar gargantas nas horas mais escuras da madrugada, fugindo com a carga e deixando os mortos para trás para apodrecer. Ele podia parecer desnutrido, mas era um suposto glutão por tesouros, especialmente o tipo consumível, e Lila sabia que o *Copper Thief* estava navegando para a costa setentrional de uma cidade chamada Sol, na esperança de emboscar os donos de um navio

particularmente grande transportando bebidas finas.

— Baliz Kasnov — disse ela, pronunciando o nome como se nunca o tivesse ouvido.

— E a senhorita é? — pressionou ele.

— Delilah Bard — respondeu ela. — Ex-tripulante do *Peixe Dourado* .

— Ex? — instigou Kasnov conforme seus homens, obviamente impacientes pelo fato de ela ainda estar vestida, começavam a bater no barril.

— Bem, senhorita Bard — disse ele, unindo seu braço ao dela com um ar conspiratório. — Por que você não me conta como foi parar naquele pequeno barco? O mar não é lugar para uma linda jovem como você.

— *Vaskens* — falou ela, *piratas*, como se não soubesse que a palavra se aplicava à sua presente companhia. — Eles roubaram meu navio. Foi um presente do meu pai, de casamento. Nosso destino era navegar em direção a Faro, e partimos duas noites atrás, mas eles vieram do nada, invadiram o *Peixe Dourado* ... — Ela havia praticado o discurso; não apenas as palavras, como também as pausas. — Eles... Eles mataram meu marido. Meu capitão. A maior parte da minha tripulação. — Nesse momento Lila abandonou o idioma arnesiano e voltou para o seu. — Aconteceu tão rápido... — Ela se interrompeu, como se o deslize tivesse sido acidental.

Mas a atenção do capitão foi fisgada, como um peixe no anzol.

— De onde você é?

— Londres — disse Lila, deixando o sotaque aparecer. Um burburinho percorreu o grupo. Ela continuou, com a intenção de terminar sua história. — O *Peixe* era pequeno — contou —, mas precioso. Carregado com um mês de suprimentos. Comida, bebida... dinheiro. Como eu disse, era um presente. E agora se foi.

Mas não se fora realmente, ainda não. Ela olhou para trás por sobre a amurada. O navio era um borrão de luz no horizonte distante. Havia interrompido sua retirada e parecia estar esperando. Os piratas seguiram o olhar de Lila com olhos vorazes.

— Quantos homens? — perguntou Kasnov.

— O suficiente — respondeu ela. — Sete? Oito?

Os piratas sorriram avidamente, e Lila sabia o que estavam pensando. Eles tinham mais que o dobro desse contingente e um navio que se camuflava como uma sombra no escuro. Se pudessem pegar a recompensa flutuante... Ela pôde sentir os olhos fundos de Baliz Kasnov examinando-a. Lila olhou

para ele e se perguntou se ele poderia fazer qualquer magia. A maioria dos navios era protegida por um punhado de feitiços — coisas para tornar suas vidas mais seguras e mais práticas —, mas ela se surpreendera ao descobrir que a maioria dos homens que conheceu no mar tinha pouca inclinação para as artes elementais. Alucard dissera que a proficiência mágica era uma destreza valiosa, e que a verdadeira habilidade normalmente rendia um emprego lucrativo em terra. Os magos no mar quase sempre se concentravam nos elementos de relevância — água e vento —, mas poucas mãos conseguiam virar a maré, e, no fim, a maioria ainda preferia o bom e velho aço. O que Lila certamente podia apreciar, tendo no momento várias peças escondidas em sua pessoa.

— Por que poupavam você? — perguntou Kasnov.

— Poupavam? — desafiou Lila.

O capitão lambeu os lábios. Ele já havia decidido o que fazer a respeito do navio, ela sabia; agora estava decidindo o que fazer com ela. Os tripulantes do *Copper Thief* não tinham reputação de serem misericordiosos.

— Baliz... — disse um dos piratas, um homem com a pele mais escura do que o restante. Ele apertou o ombro do capitão e sussurrou em seu ouvido. Lila só conseguiu distinguir algumas das palavras murmuradas. *Londrinos . Ricos . E resgate .*

Um sorriso lento se abriu nos lábios do capitão.

— *Anesh* — falou ele, com um aceno de cabeça. E então, para toda a tripulação reunida: — Levantar velas! Curso sul por oeste! Temos um peixe dourado para pegar.

Os homens retumbaram sua aprovação.

— Minha senhora — disse Kasnov, conduzindo Lila em direção aos degraus. — Você teve uma noite difícil. Deixe-me lhe mostrar meus aposentos, onde certamente ficará mais confortável.

Atrás dela, Lila ouviu os sons do barril sendo aberto e da cerveja sendo servida, sorrindo enquanto o capitão a conduzia por sob o convés.



Kasnov não demorou a sair, graças a Deus.

Ele a depositou em seus aposentos, a corda ainda nos pulsos, e desapareceu novamente, trancando a porta atrás dele. Para seu alívio, ela só

tinha visto três homens sob o convés. Isso significava quinze a bordo do *Copper Thief*.

Lila se encarapitou na borda da cama do capitão e contou até dez, vinte e trinta, enquanto os degraus rangiam acima e o navio se inclinava em direção à sua própria embarcação em fuga. Eles nem sequer se preocuparam em revistá-la à procura de armas, o que Lila achou um pouco presunçoso, conforme tirava uma lâmina da bota e, com um único gesto praticado, girava o cabo e cortava as cordas. Elas caíram no chão e Lila esfregou os pulsos, cantarolando para si mesma. Uma canção de marinheiros sobre o Sarows, um fantasma que dizem assombrar navios rebeldes à noite.

*Como se sabe quando o Sarows está chegando?
(Está chegando está chegando está chegando a bordo?)*

Lila puxou o tecido da cintura do vestido com as mãos e o rompeu; a saia rasgou, revelando as calças pretas justas — com coldres que seguravam uma faca acima de cada joelho até se enfiarem nas botas. Ela pegou a lâmina e deslizou-a em direção ao espartilho nas costas, cortando as fitas para que pudesse respirar.

*Quando o vento para de soprar, mas ainda canta em seus ouvidos,
(Em seus ouvidos em sua cabeça em seu sangue em seus ossos.)*

Ela jogou a saia verde na cama e cortou-a da bainha até a cintura esfarrapada. Escondidos entre os tules havia meia dúzia de paus finos que passavam por barbatanas e sinalizadores, mas não eram nem um nem outro. Ela deslizou a lâmina de volta na bota e libertou as estacas.

*Quando a corrente para, mas o navio continua à deriva,
(Flutua à deriva flutua para longe, sozinho.)*

Lá em cima, Lila ouviu um baque, como peso morto. E então outro e mais outro, conforme a cerveja fazia efeito. Ela pegou um pedaço de pano preto, esfregou carvão em um dos lados e o amarrou sobre o nariz e a boca.

*Quando a lua e as estrelas se escondem da escuridão,
(Porque a escuridão não é nada vazia, não.)*

(Porque a escuridão não é nada vazia.)

A última coisa que Lila tirou de dentro das dobras da saia verde foi sua máscara. Uma peça de couro preto, simples a não ser pelos chifres que se curvavam com uma graça estranha e ameaçadora sobre a testa. Lila colocou a máscara sobre o nariz e amarrou-a no lugar.

*Como se sabe quando o Sarows está chegando?
(Está chegando está chegando está chegando a bordo?)*

Um espelho, já desgastado pelo tempo, estava encostado no canto da cabine do capitão, e ela viu seu reflexo enquanto ouvia passos na escada.

*Por que não se vê e não vê e não o verá chegando,
(Não o verá chegando jamais.)*

Lila sorriu por trás da máscara. E então se virou e pressionou as costas contra a parede. Golpeou as pequenas estacas contra a madeira, da mesma forma como fizera com os sinalizadores, mas, diferentemente deles, nenhuma luz se derramou, apenas verteram nuvens de fumaça pálida.

Um instante depois, a porta dos aposentos do capitão se abriu, mas os piratas chegaram tarde demais. Ela jogou as estacas de fumaça no cômodo e ouviu passos virarem tropeços, e os homens tossirem antes de a fumaça drogada os derrubar.

*Dois a menos , pensou Lila, pisando em seus corpos.
Faltam só treze .*

II

Ninguém conduzia o navio.

Ele havia se inclinado nas ondas e agora quebrava contra elas, recebendo golpes pelo lado em vez de pela frente, de modo que a coisa toda balançava de forma desagradável sob os pés de Lila.

Ela chegou a meio caminho da escada antes de o primeiro pirata cruzar seu caminho. Ele era enorme, mas seus passos desaceleraram e ficaram desajeitados por causa da droga dissolvida na cerveja. Lila se desvencilhou e acertou-o no esterno com a bota, fazendo-o bater na parede com força suficiente para quebrar alguns ossos. Ele gemeu e deslizou para as tábuas de madeira, metade de um xingamento nos lábios antes de a ponta da bota de Lila encontrar sua mandíbula. A cabeça girou para os lados, depois se inclinou sobre o peito.

Doze.

Passos ecoaram lá em cima. Ela acendeu outra estaca e jogou-a nos degraus quando mais três homens apareceram sob o convés. O primeiro viu a fumaça e tentou retroceder, mas o impulso do segundo e terceiro barrou sua retirada, e logo os três estavam tossindo, ofegando e caindo pela escada de madeira.

Nove.

Lila cutucou o mais próximo com a ponta da bota, passou por cima dele e então subiu os degraus. Ela parou na beirada do convés, escondida na sombra da escada, e procurou sinais de vida. Quando não viu nenhum, afastou o pano sujo de carvão da boca, respirando fundo o ar gélido de inverno antes de sair para a noite. Os corpos estavam espalhados pelo convés. Contou-os enquanto caminhava, diminuindo cada um da quantidade de piratas a bordo.

Oito.

Sete.

Seis.

Cinco.

Quatro.

Três.

Dois.

Lila parou, olhando para os homens. Então, por cima da amurada, algo se moveu. Ela tirou uma das facas da bainha na coxa — uma de suas favoritas, uma lâmina grossa com um cabo modelado em forma de soco-ínglês — e caminhou em direção à forma vacilante, cantarolando enquanto andava.

Como se sabe quando o Sarows está chegando?

(Está chegando está chegando está chegando a bordo?)

O homem estava rastejando pelo chão do convés, o rosto inchado por causa da cerveja drogada. Em um primeiro momento, Lila não o reconheceu. Então ele olhou para cima e ela percebeu que era o homem que a carregara a bordo. Aquele com as mãos bobas. Aquele que tinha falado sobre encontrar seus lugares macios.

— Vadia estúpida — murmurou ele em arnesiano.

Era quase difícil compreendê-lo através da respiração ofegante. A droga não era letal, pelo menos não em doses baixas (ela não tinha exatamente economizado na quantidade inserida no barril), mas fazia inchar as veias e as vias aéreas, privando o corpo de oxigênio até a vítima desmaiar.

Olhando para o pirata agora, com o rosto inchado, os lábios roxos e exalando o ar de forma entrecortada, ela supôs que talvez tivesse sido muito generosa demais com a quantidade. O homem estava tentando — sem sucesso — se levantar. Lila se abaixou, enredou os dedos da mão livre na gola da camisa dele e o ajudou a se pôr de pé.

— Do que você me chamou? — perguntou ela.

— Eu disse — ofegou ele — vadia... estúpida. Você vai pagar... por isso. Eu vou...

Ele nunca terminou. Lila deu-lhe um forte empurrão e ele tombou sobre a amurada, caindo direto no mar.

— Mostre algum respeito pelo Sarows — murmurou ela, observando-o

flutuar por um instante e depois desaparecer sob a superfície da maré.

Um.

Lila ouviu as tábuas gemerem atrás dela e conseguiu pegar a faca um segundo antes de a corda ser enrolada em volta de sua garganta. Fibras grossas arranharam seu pescoço antes de ela cortá-las, e se libertar. Quando o fez, cambaleou para a frente e girou para encontrar o capitão do *Copper Thief*, seus olhos astutos, seus passos resolutos.

Baliz Kasnov não tinha compartilhado a cerveja com sua tripulação.

Ele jogou os pedaços de corda para o lado, e Lila apertou a faca ao se preparar para a luta, mas o capitão não sacou nenhuma arma. Em vez disso, estendeu as mãos à frente, as palmas voltadas para cima.

Lila inclinou a cabeça, os chifres da máscara apontando para ele.

— Você está se rendendo? — perguntou ela.

Os olhos escuros do capitão cintilaram, e sua boca se contraiu. À luz da lanterna, a tatuagem de faca em sua garganta parecia reluzir.

— Ninguém rouba o *Copper Thief* — declarou ele.

Seus lábios se moveram e seus dedos se contraíram quando as chamas saltitaram sobre eles. Lila olhou para baixo, viu a marca destruída aos seus pés e soube o que ele estava prestes a fazer. A maioria dos navios era protegida contra o fogo, mas ele havia quebrado o feitiço. Ele pulou para a vela mais próxima, Lila girou a lâmina em sua mão, e então a arremessou. O equilíbrio da faca era precário por causa do punho pesado, e ela o atingiu no pescoço em vez de na cabeça. Ele caiu para a frente, as mãos projetadas para aparar a queda, o fogo conjurado encontrando um rolo de corda em vez das velas.

O fogo se manteve, mas o próprio corpo de Kasnov abafou a maior parte quando o pirata caiu. O sangue que escorria do pescoço o extinguiu ainda mais. Apenas pequenas chamas persistiram, mastigando seu caminho cordas acima. Lila estendeu a mão para o fogo; quando fechou os dedos em punho, as chamas morreram.

Ela sorriu e recuperou sua faca favorita do pescoço do capitão morto, limpando o sangue da lâmina nas roupas dele. Estava embainhando-a novamente quando ouviu um assobio; olhou para cima e viu seu navio, o *Night Spire*, parando ao lado do *Copper Thief*.

Os homens haviam se reunido ao longo da amurada, e ela cruzou a extensão do *Thief* para cumprimentá-los, empurrando a máscara para o alto

da testa. A maioria dos homens estava de cenho franzido, mas no centro havia uma figura alta, portando uma faixa preta e um sorriso divertido, os cabelos castanhos avermelhados puxados para trás e uma safira na testa. Alucard Emery. O capitão dela.

— *Mas aven* — resmungou o primeiro imediato, Stross, incrédulo.

— Não é possível, caramba — disse o cozinheiro, Olo, examinando os corpos espalhados pelo convés.

Tanto Vasry Formoso quanto Tavestronask (que atendia simplesmente por Tav) aplaudiram, Kobis observou com os braços cruzados, e Lenos permaneceu boquiaberto como um peixe.

Lila ficou satisfeita com a mistura de perplexidade e aprovação conforme ia até a amurada e abria os braços.

— Capitão — falou ela alegremente. — Parece que tenho um navio para você.

Alucard sorriu.

— É o que parece.

Uma prancha foi colocada entre as duas embarcações e Lila andou habilmente por ela, sem olhar nem uma vez para baixo. Ela pousou no convés do *Night Spire* e se virou para o jovem esguio com olheiras como se nunca dormisse.

— Pode pagar, Lenos.

Ele franziu a testa.

— Capitão — implorou ele, com uma risada nervosa.

Alucard deu de ombros.

— Vocês fizeram a aposta — disse ele. — Você e Stross — acrescentou, acenando com a cabeça para o seu primeiro imediato, um homem bruto de barba. — Ideia e dinheiro de vocês.

E eles apostaram, sim. Claro, Lila se vangloriara de que conseguiria roubar o *Copper Thief* sozinha, mas foram eles que decidiram apostar que ela não conseguiria. Levava quase um mês para comprar uma quantidade suficiente de droga para as estacas e a cerveja, um pouco cada vez que o navio atracava. Valera a pena.

— Mas foi um truque! — retrucou Lenos.

— Idiotas — falou Olo, com a voz grave e trovejante.

— Ela claramente planejou isso — resmungou Stross.

— É — disse Lenos. — Como é que a gente ia saber que ela estava

planejando tudo?

— Deveriam saber que é melhor não apostar com Bard, para começo de conversa. — Alucard encontrou o olhar dela e deu uma piscadela. — Regras são regras, e a menos que vocês queiram ficar com os corpos naquele navio quando terminarmos, sugiro que paguem à minha ladra o que lhe é devido.

Stross puxou a carteira do bolso.

— Como você fez isso? — exigiu ele, empurrando a carteira nas mãos dela.

— Não importa — retrucou Lila, pegando o dinheiro. — O que importa é que fiz.

Lenos já ia abdicar da própria carteira, quando Lila balançou a cabeça.

— Não foi isso que eu apostei, e você sabe disso.

Lenos começou a se encolher ainda mais do que o normal, enquanto soltava a lâmina do antebraço.

— Você já não tem facas demais? — resmungou, os lábios projetados para a frente em um beicinho.

O sorriso de Lila se alargou.

— Facas nunca são demais — afirmou ela, fechando os dedos ao redor da lâmina. *Além disso*, ela pensou, *esta é especial*. Ela vinha cobiçando a arma desde que vira Lenos usá-la pela primeira vez, em Korma.

— Vou ganhá-la de volta de você — resmungou ele.

Lila deu um tapinha em seu ombro.

— Você pode tentar.

— *Anesh!* — ressoou Alucard, batendo com a mão na prancha. — Chega de ficar sem fazer nada, Spires, temos um navio para saquear. Peguem tudo. Quero que aqueles desgraçados acordem sem nada nas mãos, a não ser os próprios paus.

Os homens aplaudiram, e Lila riu sem querer.

Ela nunca conhecera um homem que amasse seu trabalho mais do que Alucard Emery. Ele o saboreava da mesma forma que as crianças se deleitam com um jogo, do mesmo modo que homens e mulheres se deliciam em atuar, jogando-se em suas peças com alegria e abandono. Havia uma medida de teatralidade em tudo o que Alucard fazia. Ela se perguntou quantos outros papéis ele poderia interpretar. Perguntava-se qual, se é que havia algum, *não* era um personagem, mas o ator.

Os olhos dele encontraram os dela na escuridão. Eram uma tempestade de

azul e cinza, às vezes brilhante e outras, quase incolor. Ele inclinou a cabeça na direção de seus aposentos sem dizer uma palavra, e ela o seguiu.

A cabine de Alucard tinha o cheiro de sempre, de vinho de verão, lençóis limpos e brasas se extinguindo. Ele gostava de coisas boas, isso era óbvio, mas, ao contrário de colecionadores ou ostentadores, que colocam seus ornamentos em exibição apenas para serem vistos e invejados, todos os luxos de Alucard pareciam absolutamente bem-aproveitados.

— Então, Bard — indagou ele, passando para o inglês assim que eles se viram sozinhos. — Vai me dizer como conseguiu?

— Que graça teria isso? — desafiou ela, afundando em uma das duas cadeiras de espaldar alto diante da lareira, onde ardia um fogo pálido, como sempre, e dois copos de aperitivo estavam apoiados na mesa, esperando para receber seu conteúdo. — Os mistérios são sempre mais emocionantes do que a realidade.

Alucard andou até a mesa e pegou uma garrafa, enquanto sua gata branca, Esa, apareceu e se esfregou na bota de Lila.

— Você é feita de algo *além* de mistérios?

— Houve apostas? — perguntou ela, ignorando tanto ele quanto a gata.

— É claro — respondeu ele, tirando a rolha da garrafa. — Todo tipo de pequenas apostas. Se você se afogaria, se o *Thief* iria mesmo apanhá-la, se encontraríamos os seus restos caso eles a apanhassem... — Ele derramou um líquido âmbar nos copos e ofereceu para Lila. Ela o aceitou e, enquanto o fazia, ele arrancou a máscara de chifres da cabeça dela, atirando-a sobre a mesa entre eles. — Foi uma performance impressionante — disse ele, afundando na própria cadeira. — Aqueles a bordo que não a temiam antes da noite de hoje certamente a temem agora.

Lila olhou para o copo da mesma forma como alguns olhavam fixamente para o fogo.

— Havia alguém a bordo que não me temia? — perguntou ela, maliciosamente.

— Alguns deles ainda a chamam de Sarows, sabia? — divagou ele. — Quando você não está por perto. Falam num sussurro, como se pensassem que você pode ouvir.

— Talvez eu possa. — Ela rolou o copo por entre os dedos.

Não houve nenhuma réplica inteligente. Ela olhou por cima do copo e viu Alucard observando-a, como ele sempre fazia, examinando seu rosto da

mesma maneira que os ladrões vasculham bolsos, tentando encontrar alguma coisa.

— Bem — falou ele, finalmente, erguendo o copo —, ao que devemos brindar? Ao Sarows? A Baliz Kasnov e seus tolos de cobre? A capitães bonitos e navios elegantes?

Mas Lila sacudiu a cabeça.

— Não — disse ela, erguendo o copo com um sorriso astuto. — À melhor ladra.

Alucard riu, suavemente e sem emitir som.

— À melhor ladra — repetiu ele.

E então ele inclinou seu copo para o dela, e ambos beberam.

III

Quatro Meses Atrás ***Londres Vermelha***

Ir embora tinha sido fácil.

Não olhar para trás foi mais difícil.

Lila sentira Kell a observando enquanto se afastava, parando apenas quando ela estava fora de vista. Estava sozinha, de novo. *Livre*. Para ir a qualquer lugar. Ser quem quisesse. À medida que a luz diminuía, contudo, sua coragem começou a vacilar. A noite arrastou-se pela cidade e ela passou a se sentir menos como uma conquistadora e mais como uma garota sozinha em um mundo estranho sem entender a língua e com nada nos bolsos, exceto pelo presente de despedida de Kell (um conjunto de elementos), seu relógio de prata e o punhado de moedas que ela tinha apanhado de um guarda do palácio antes de sair.

Ela já havia possuído menos, com certeza, mas também já tivera mais.

E sabia o suficiente para reconhecer que não iria longe, não sem um navio.

Abria e fechava o relógio de bolso com cliques, observando os contornos das embarcações ondulando no rio, o brilho vermelho do Atol mais demarcado na escuridão que se instaurava. Tinha olhos para um navio em particular; havia ficado observando, cobiçando, o dia todo. Era um navio esplêndido, seu casco e mastros esculpido em madeira escura e decorados com prata, suas velas mudando do azul-marinho para o preto, de acordo com a luz. Um nome corria ao longo de seu casco — *Saren Noche* —, e mais tarde ela descobriria que significava *Night Spire*, ou “pináculo noturno”. Por enquanto Lila só sabia que o queria. Mas ela não poderia simplesmente

invadir um navio totalmente tripulado e reivindicá-lo como seu. Ela era boa, mas não tão boa. E havia o triste fato de que *tecnicamente* Lila não sabia como navegar. Então ela encostou-se a um muro de pedra lisa, seu traje preto misturando-se às sombras, e observou, o balanço suave do barco e o barulho do Mercado Noturno mais acima da margem, induzindo-a a uma espécie de transe.

Um transe que se quebrou quando meia dúzia de homens irrompeu pelo convés do navio e desceu pela prancha com suas botas pesadas, moedas tilintando nos bolsos e gargalhadas estridentes. O navio estivera se preparando para o mar o dia inteiro, e os homens tinham um entusiasmo maníaco que só podia ser o de uma última noite em terra. Pareciam ávidos para desfrutá-la. Um deles começou uma canção e os demais acompanharam, levando a música com eles em direção às tavernas.

Lila fechou o relógio de bolso com força, afastou-se da parede e os seguiu.

Ela não tinha disfarce, só suas roupas, que eram de corte masculino, os cabelos escuros, que caíam nos olhos, e suas próprias feições, que exibiu de um jeito fechado. Baixando o tom de voz, esperava poder passar por um jovem esbelto. Máscaras podiam ser usadas em becos escuros e bailes de máscaras, mas não em tavernas. Não sem atrair mais atenção do que valia a pena.

Os homens à frente desapareceram dentro de um estabelecimento. O lugar não tinha um nome que deixasse óbvio do que se tratava, mas a placa acima da porta era feita de metal, um cobre cintilante que girava e ondulava ao redor de uma bússola de prata. Lila arrumou o casaco, levantou o colarinho e entrou.

O cheiro a atingiu em cheio.

Não podre ou mofado, como as tavernas do cais que ela conhecera, ou o cheiro perfumado, como o palácio real vermelho, mas cálido, simples e acolhedor, o aroma de guisado fresco misturando-se com os filetes de fumo de cachimbo e o sal distante do mar.

Chamas crepitavam em lareiras nos cantos, e o bar não ficava ao longo de uma parede, mas no centro do ambiente, um círculo de metal que imitava a bússola da porta. Era uma peça de artesanato incrível, uma única peça de prata, os raios apontando para as quatro lareiras.

Era uma taverna de marinheiros diferente de qualquer outra que ela já tinha visto, com quase nenhuma mancha de sangue nos assoalhos ou brigas

que ameaçavam terminar na rua. A Barren Tide, na Londres de Lila — não, não a dela, não mais —, tinha servido a uma multidão muito mais rude, mas aqui metade dos homens usava as cores reais, claramente a serviço da coroa. O resto era uma grande mistura, mas nenhum tinha a aparência abatida e os olhos famintos do desespero. Muitos — como os homens que ela havia seguido — estavam bronzeados e tinham a pele curtida, mas mesmo suas botas pareciam polidas, e suas armas, bem-embainhadas.

Lila deixou o cabelo cair na frente do olho cego, adotou uma postura arrogante, mas reservada, e caminhou até o balcão.

— *Avan* — disse o barman, um homem magro com olhos amigáveis. Uma lembrança a atingiu, de Barron, da Stone's Throw, com sua calidez sisuda e sua calma impassível, mas ela ergueu a guarda antes que o golpe pudesse atingi-la. Sentou-se em um banquinho e o barman fez-lhe uma pergunta, e mesmo que não entendesse as palavras, adivinhou o significado delas. Bateu com o indicador no copo quase vazio de uma bebida ao lado dela, e o homem se virou para buscar o pedido. Apareceu um instante depois com uma bela e espumante cerveja da cor da areia, e Lila tomou um longo e tranquilizante gole.

A um quarto de volta ao redor do balcão, um homem estava brincando distraidamente com suas moedas, e levou um instante para Lila perceber que ele não estava realmente tocando nelas. O metal circulava em torno dos dedos e sob as palmas das mãos dele como por magia, e é claro que era isso mesmo. Outro homem, do outro lado, estalou os dedos e acendeu o cachimbo com a chama que pairava na ponta do próprio polegar. Os gestos não a assustaram, e ela se maravilhou com aquilo; apenas uma semana neste mundo e parecia mais natural para ela do que a Londres Cinza jamais fora.

Ela se virou em seu assento e localizou os homens do *Night Spire*, agora espalhados pelo salão. Dois conversando ao lado de uma lareira, um sendo atraído por uma mulher bem-dotada para a sombra mais próxima, três se preparando para jogar cartas com um casal de marinheiros trajando vermelho e dourado. Um dos homens do grupo de três atraiu a atenção de Lila, não porque ele fosse particularmente bonito — era, na verdade, muito feio, pelo que ela podia ver sob a mata de pelos em seu rosto —, mas porque estava trapaceando.

Pelo menos, ela *achava* que ele estivesse roubando. Não podia ter certeza, uma vez que o jogo parecia ter poucas regras. Ainda assim, ela tinha certeza

de que o tinha visto guardar uma carta e apresentar outra. A mão dele era rápida, mas não tão rápida quanto os olhos dela. Lila sentiu o desafio comichando em seus nervos conforme o olhar dela passava dos dedos do homem para o banquinho baixo em que ele estava sentado, onde a bolsa dele descansava na madeira. A bolsa estava amarrada ao seu cinto por uma correia de couro e parecia pesada e cheia de moedas. A mão de Lila deslizou até o quadril, onde uma faca curta e afiada estava embainhada. Ela a tirou dali.

Imprudente, sussurrou uma voz em sua cabeça, e ela ficou bastante desconcertada ao perceber que a voz que uma vez soara como Barron agora soava como Kell. Ela a descartou, seu sangue fervilhando com o risco, mas parou bruscamente quando o homem se virou e olhou diretamente para ela — não, não para ela, para o barman logo atrás. Ele gesticulou para a mesa com o sinal universal de *traga mais bebidas*.

Lila terminou sua cerveja e deixou cair algumas moedas no balcão, observando enquanto o barman servia a rodada de bebidas em uma bandeja e um segundo homem aparecia para levar o pedido até a mesa.

Ela viu sua chance e se levantou.

O salão pareceu girar um pouco pelo efeito da cerveja, a bebida mais forte do que ela estava acostumada, mas rapidamente voltou ao normal. Ela seguiu o homem com a bandeja, seus olhos fixos na porta mais adiante mesmo quando sua bota pegou o calcanhar dele. O homem tropeçou e conseguiu manter o equilíbrio, mas não o da bandeja; bebidas e copos caíram para a frente sobre a mesa, varrendo metade das cartas para o chão em uma onda de cerveja derramada. O grupo irrompeu, xingando, gritando e se levantando, tentando salvar moedas e roupas, e quando o pesaroso criado se voltou para ver quem tropeçara nele, a bainha do casaco preto de Lila já desaparecia pela porta.



Lila perambulou pela rua, a bolsa roubada do jogador pendurada em uma das mãos. Para ser uma boa ladra não era preciso apenas ter dedos rápidos. Era preciso transformar situações em oportunidades. Ela levantou a bolsa, avaliando-a, e sorriu com o peso. Seu sangue cantou, triunfante.

E então, atrás dela, alguém gritou.

Ela se virou e deu de cara com o sujeito barbudo que acabara de roubar.

Nem se deu ao trabalho de negar — não sabia o suficiente de arnesiano para tentar, e a bolsa ainda estava pendurada em seus dedos. Em vez disso, ela guardou o fruto do roubo e se preparou para uma briga. O homem tinha o dobro de seu tamanho em largura, era uns trinta centímetros mais alto, e entre um passo e outro uma lâmina curvada apareceu em suas mãos, uma versão em miniatura de uma foice. Ele disse algo para ela, um resmungo baixo de uma ordem. Talvez ele estivesse lhe dando a chance de deixar o prêmio roubado e ir embora sem se machucar. Mas ela duvidava que seu orgulho ferido fosse permitir isso, e, mesmo que permitisse, ela precisava do dinheiro o bastante para arriscar. As pessoas sobrevivem sendo cautelosas, mas progridem sendo ousadas.

— Achado não é roubado — disse ela, observando a surpresa iluminar os traços do homem. *Inferno*. Kell a advertira que o inglês tinha um propósito e um lugar neste mundo. Vivia entre integrantes da realeza, não entre piratas. Se ela quisesse ser bem-sucedida no mar, teria que dobrar a língua até aprender uma nova.

O homem barbudo resmungou algo, passando a mão pela curva de sua faca. Parecia muito, muito afiada.

Lila suspirou e sacou sua arma, uma lâmina denteada com um cabo em forma de soco-inglês. E então, depois de avaliar seu oponente mais uma vez, ela sacou uma segunda lâmina. A curta e afiada que usara para roubar a bolsa.

— Sabe — disse ela em inglês, já que não havia ninguém por perto para ouvir. — Você ainda pode se safar disso.

O homem barbudo cuspiu uma frase nela que terminou com *pilse*. Era uma das poucas palavras em arnesiano que Lila conhecia. E ela sabia que não era educada. Ainda estava se sentindo ofendida quando o homem atacou. Lila saltou para trás e atingiu a foice com ambas as lâminas, o som do metal no metal soando estridentemente pela rua. Mesmo com o barulho do mar e o ruído das tavernas, não ficariam sozinhos por muito tempo.

Ela empurrou a lâmina, lutando para recuperar o equilíbrio, e se afastou no mesmo instante que ele golpeou novamente, desta vez errando sua garganta por um fio de cabelo.

Lila se agachou, girou e se levantou, recebendo o último golpe da foice com sua faca principal, as armas deslizando até que a lâmina dele se aproximou do cabo da adaga. Ela girou a faca e a liberou, indo por cima da foice e batendo o soco-inglês do punho da faca na mandíbula do homem.

Antes que ele pudesse se recuperar, ela atacou com a segunda lâmina e enterrou-a entre as costelas dele. O homem tossiu, o sangue manchando a barba, e investiu com o restante de suas forças para atacar Lila, mas ela forçou a arma da investida para cima, transpassando órgãos entre os ossos, até que finalmente a foice do homem caiu e seu corpo ficou inerte.

Por um instante, outra morte apareceu em sua mente, outro corpo em sua lâmina, um menino num castelo em um mundo gélido e branco. Não havia sido a sua primeira morte, mas fora a primeira a ficar gravada em sua mente. A primeira que doeu. A lembrança vacilou e morreu, e ela estava de volta ao cais, a culpa sangrando junto com a vida do homem. Acontecera tão rápido.

Ela se soltou e deixou que ele desabasse na rua, seus ouvidos ainda zumbindo pelo barulho do choque das lâminas e pela emoção da luta. Ela respirou fundo algumas vezes, depois se virou para correr e deu de cara com os outros cinco homens do navio.

Um burburinho percorreu a tripulação.

Armas foram sacadas.

Lila xingou baixinho, seus olhos se desviando por um instante para o palácio arqueado sobre o rio atrás deles, conforme um débil pensamento cintilava por sua mente — ela deveria ter ficado, *podéria* ter ficado, teria sido seguro —, mas Lila o afastou e segurou firme suas facas.

Ela era Delilah Bard, e iria viver ou morrer por seus próprios malditos...

Um punho se conectou com o estômago dela, interrompendo sua linha de raciocínio. Outro colidiu com sua mandíbula. Lila caiu bruscamente na rua, uma das facas deslizando da mão enquanto sua visão era espatifada por uma explosão de estrelas. Ela se esforçou para se erguer de cócoras, segurando a segunda lâmina, mas uma bota caiu firme em seu pulso. Outra encontrou suas costelas. Algo a acertou na lateral da cabeça e o mundo ficou fora de foco por vários segundos, voltando somente quando mãos fortes a arrastaram e a colocaram de pé. Uma espada veio repousar debaixo de seu queixo, e ela se preparou, mas seu mundo não terminou com uma mordida da lâmina.

Em vez disso, uma correia de couro, não muito diferente da que ela tinha cortado para liberar a bolsa, foi atada em seus pulsos e firmemente apertada, e ela foi forçada a descer as docas.

As vozes dos homens encheram sua cabeça como estática, uma palavra saltando para a frente e para trás mais do que as demais.

Casero . Ela não sabia o que significava.

Lila sentiu gosto de sangue, mas não soube dizer se vinha do nariz, da boca ou da garganta. O que não fazia a menor diferença, se estavam planejando despejar seu corpo no Atol (a menos que isso fosse um sacrilégio, o que fez Lila se perguntar o que as pessoas daqui faziam com seus mortos), mas depois de vários minutos de discussão acalorada, ela foi conduzida pela prancha para o navio que passara a tarde toda observando. Ouviu um baque surdo e olhou para trás para ver um homem colocar o cadáver barbudo na prancha. *Interessante* , pensou ela, sombriamente. *Os homens não o trouxeram a bordo* .

Durante todo o tempo, Lila segurou a língua, e seu silêncio só pareceu irritar a tripulação. Eles gritavam uns com os outros e com ela. Mais homens apareceram. Mais gritos de *casero* . Lila desejou ter tido mais do que alguns dias para estudar arnesiano. *Casero* significava julgamento? Morte? Assassinato?

E então um homem atravessou o convés, portando uma faixa preta e um chapéu elegante, uma espada reluzente e um sorriso perigoso. Os gritos cessaram, e Lila compreendeu.

Casero queria dizer *capitão* .



O capitão do *Night Spire* era impressionante. E impressionantemente jovem. Sua pele era bronzeada, mas não curtida; seu cabelo, de um castanho-escuro entremeado com fios acobreados, estava preso para trás com uma fivela elegante. Seus olhos, de um azul tão escuro que era quase preto, desviaram do corpo sobre a prancha para a multidão de homens reunidos, e para Lila. Uma safira cintilava em sua sobancelha esquerda.

— *Kers la* ? — perguntou ele.

Os cinco homens que tinham arrastado Lila a bordo começaram a tagarelar. Ela nem tentou entendê-los ou pescar palavras conforme eles a circundavam. Em vez disso, manteve os olhos fixos no capitão e, embora ele estivesse obviamente ouvindo as afirmações dos homens, manteve os olhos nela. Quando se acalmaram, o capitão começou a interrogá-la — ou, pelo menos, a divagar. Ele não parecia particularmente irritado, apenas descontente. Apertou a ponte do nariz e falou muito rápido, claramente alheio ao fato de ela não saber mais do que algumas poucas palavras em arnesiano.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Um Encontro de Sombras"
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).